

# Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte:

## cultivando uma cidade sustentável

Daniela Almeida\*

**“O** que eu mais gosto de fazer no meu quintal é sentar debaixo da mangueira, ficar na sombra tomando o vento fresco e esperar uma manga cair para eu chupar.”

(Grace, 11 anos)

A Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (Rede) é uma ONG, criada em 1986, que tem como objetivo potencializar, articular e intercambiar iniciativas que demonstrem a viabilidade de processos sustentáveis de desenvolvimento no campo e na cidade através do fortalecimento de organizações comunitárias e da construção participativa de políticas públicas.

Desde 1995, a Rede atua em comunidades de baixa renda na periferia de Belo Horizonte, desenvolvendo ações nos temas Agricultura Urbana, Segurança Alimentar e Nutricional.



Fotos: Arquivo Rede/ Patrícia Antunes

O cultivo dos quintais promove a integração em uma família do bairro Beija-flor/BH, participante do “Projeto de Formação”

Este artigo enfatiza o “Projeto de Formação de Agentes de Desenvolvimento Local em Segurança Alimentar Nutricional e Agricultura Urbana”, iniciado em 2003.

### Formando agentes comunitários

Em 2002, a Rede assessorou a realização dos “Diagnósticos Urbanos Participativos em Agricultura Urbana e Segurança Alimentar com Enfoque de Gênero”, que envolveram grupos comunitários, organizações governamentais, entidades religiosas e órgãos públicos participantes da Rede de Desenvolvimento Local, dos bairros Alto Vera Cruz, Granja de Freitas e Taquaril (região leste), onde residem cerca de 40 mil pessoas, e da Rede de Desenvolvimento Comunitário, dos bairros Capitão Eduardo e Beija Flor (região nordeste), com aproximadamente sete mil habitantes.

Os diagnósticos permitiram sistematizar os conhecimentos e práticas da população em relação aos temas enfocados e mobilizaram vários atores locais para a elaboração e implantação do projeto de formação de agentes locais aqui relatado. Atualmente, o projeto conta com uma equipe formada por seis educadoras, três assessores comunitários e 44 famílias, beneficiando diretamente 197 pessoas, sendo que quase metade delas é constituída por crianças e adolescentes.

As famílias envolvidas residem nos “núcleos de desenvolvimento”, que são geograficamente definidos pelas redes locais para experimentar uma ação integrada e multiplicadora entre os vários atores dessas comunidades. Esses núcleos apresentam características distintas, em termos de grau de organização comunitária e de atuação do poder público e de ONGs, tempo de ocupação, densidade populacional e localização – são áreas de encostas, beiras de córregos, conjuntos habitacionais em regiões intra ou periurbana.

A metodologia do “Projeto de Formação” tem caráter teórico e prático e busca fortalecer o protagonismo das educadoras e assessores comunitários. A equipe é capacitada em educação popular e em conteúdos como segurança alimentar e nutricional, agricultura urbana, agroecologia, plantas medicinais, reaproveitamento do lixo

e relações de gênero. Simultaneamente, desenvolve ações educativas e incentiva a troca de experiências e de conhecimentos dentro e entre as famílias moradoras dos núcleos. Dessa forma, são apoiadas não só as iniciativas já empreendidas pelas famílias, mas também as experimentações de tecnologias e de receitas, assim como a participação em grupos e eventos na comunidade.

Os participantes do projeto desempenham diferentes papéis. As educadoras coordenam oficinas; aplicam técnicas do diagnóstico participativo, a fim de conhecer hábitos de plantio e alimentação; fazem o acompanhamento técnico dos quintais; e se envolvem em ações de articulação e intercâmbio. São também responsáveis pelo monitoramento e sistematização das atividades realizadas.

Já os assessores comunitários têm funções vinculadas a habilidades específicas – plantas medicinais, agricultura urbana e articulação comunitária – e buscam identificar e adaptar tecnologias adequadas para a realidade dos quintais urbanos; selecionar outras experiências para intercâmbio; auxiliar as educadoras e as famílias no planejamento e execução de atividades; promover ações articuladas com outros atores locais e contribuir na coordenação do projeto, feita por uma assessora da Rede.

As famílias envolvidas, por sua vez, assumiram o compromisso de participar das atividades do projeto, buscando incorporar os conhecimentos adquiridos no processo e promover uma ação multiplicadora entre vizinhos.

## As múltiplas funções da Agricultura Urbana

O “Projeto de Formação” permitiu identificar situações nos seis “núcleos de desenvolvimento” que demonstram como a agricultura urbana se relaciona com vários eixos do desenvolvimento comunitário e cria condições para que as pessoas construam, com dignidade, sua própria capacidade de alimentar-se.

O principal resultado pode ser observado nas mudanças comportamentais da equipe de educadoras e assessores comunitários, que desenvolveram a expressão oral, escrita e afetiva, a autoconfiança e um sentimento de realização pessoal por estarem contribuindo na melhoria ambiental e nas condições alimentares de sua comunidade. Além disso, se tornaram referências para suas comunidades e para outros grupos e experiências em Belo Horizonte e mesmo em outras regiões.

As iniciativas das famílias, potencializadas pelo Projeto, mostram como é possível desenvolver tecnologias de otimização de pequenos espaços domésticos (quintais, corredores, varandas e lajes) para a produção agroecológica de alimentos, plantas medicinais, ornamentais e criação de pequenos animais. No Conjunto Granja de Freitas, por exemplo, os quintais não passam de quatro metros quadrados, mas em todos os núcleos, de um modo geral, é bastante comum o plantio em vasilhames, pneus, bacias, balaios, latas, caixotes de madeira, garrafas pet,



Jovem do bairro Capitão Eduardo/BH, participante do “Projeto de Formação”, experimenta cultivo de hortaliças e plantas medicinais na laje.

caixinhas de leite, latas de conserva, carcaças de geladeira, televisão e vasos sanitários quebrados. Outros locais usados para o cultivo e criações são espaços públicos e áreas coletivas (creches, escolas, centros de saúde, “áreas verdes” e canteiros).

O uso produtivo de espaços urbanos proporciona a limpeza destas áreas e uma melhoria considerável ao ambiente local, diminuindo a proliferação de vetores de doenças. Muitos materiais, como embalagens, pneus e entulhos, também são utilizados para a contenção de pequenas encostas e canteiros. Os resíduos orgânicos domiciliares são aproveitados na produção de composto empregado nas atividades de agricultura urbana.

**“Não tenho espaço para colocar os restos de alimentos que não são aproveitados, mas dou para a vizinha que tem quintal.”**

*(Rose, agente comunitária de saúde)*

A produção nesses espaços conduziu a melhores hábitos alimentares, sobretudo por ter evidenciado a relação que há entre *alimentação* e *saúde*. Assim, as famílias envolvidas no Projeto passaram a se preocupar mais com o plantio e o consumo de alimentos sem insumos

químicos e nem contaminantes biológicos, com a qualidade da água utilizada na irrigação, com o aproveitamento integral e o valor nutricional dos produtos. Além da adoção desse consumo consciente, começaram também a priorizar produtos da época e da região.

**“Serralha dá muito em casa. Mas como a terra é suja, a gente não pega. Está tudo poluído.”**

O auto-abastecimento é feito principalmente com as verduras folhosas e condimentos: couve, taioba, serralha, almeirão, mostarda, salsa, coentro e cebolinha. Apesar de encontrada uma grande diversidade de espécies, a produção de frutas não é abundante. Além das espécies cultivadas, o projeto serviu-se do conhecimento das famílias sobre o uso de plantas nativas como fonte de alimentação, tais como orapronobis, caruru, jequeri, gondó e tomatinho.

O uso e o cultivo de plantas medicinais foram também trabalhados no Projeto, envolvendo oficinas sobre a preparação de remédios caseiros, implantação de farmácias vivas e caseiras e caminhadas de identificação de plantas medicinais do Cerrado nas áreas verdes urbanas e periurbanas.

**“Ao mudar os alimentos que nós consumimos em casa, melhoramos a resistência do nosso filho. Ele tinha um ano e um mês quando teve a última crise. Hoje ele tem nove anos e nunca mais teve bronquite.”**

*(Aparecida, moradora do Alto Vera Cruz)*

Do ponto de vista econômico, a pequena produção tem contribuído para a renda familiar, através da diminuição dos gastos com alimentação e saúde, das redes de troca e eventualmente da transformação e comercialização de excedentes da produção. No bairro Taquaril, há vários exemplos de famílias que fazem biscoitos e pães para vender. No decorrer do “Projeto de Formação”, a partir do intercâmbio realizado com a Organização do Povo que Luta (OPL)<sup>1</sup>, se iniciou a venda de produtos agroecológicos da agricultura familiar, principalmente açúcar mascavo, mel, biscoitos e doces nas comunidades.

Além disso, a incorporação do enfoque de gênero nas metodologias do trabalho tem permitido a percepção sobre as tensões e papéis assumidos por homens e mulheres nas práticas da agricultura urbana e segurança alimentar. Essa abordagem tem levado as famílias a formularem propostas concretas para não sobrecarregar as mulheres e aumentar a participação masculina nas tarefas domésticas e comunitárias, como construção de caixas-d’água, fornos, cercas e contenção de encostas com pneus.

**“Os maridos trabalhavam mais nos seus quintais. Agora estão começando a se interessar pelas atividades fora dos quintais, como oficinas e mutirões.”**

*(Luzia e Marlete, educadoras comunitárias)*

**“Hoje, quando eu não tenho tempo para fazer comida e lavar roupa, meus irmãos fazem e não reclamam.”**

*(Valéria, educadora comunitária)*

Em Belo Horizonte, os moradores das comunidades urbanas e periurbanas de baixa renda são, principalmente, oriundos da zona rural de outras regiões do estado. Muitos deles relacionam o conhecimento sobre o manejo dos quintais a uma experiência rural anterior, na qual aprenderam com os pais, mães ou avós, sobre cultivo de roças, o uso de plantas medicinais e nativas na alimentação e a criação de animais. Por outro lado, observamos limitações de conhecimento sobre compostagem, cultivo em pequenos espaços, planejamento da produção, armazenamento de sementes, manejo do solo, alelopatia, podas, enxertia, controle da erosão e de insetos e doenças. Assim, as principais tecnologias abordadas no Projeto foram direcionadas justamente para o trabalho de compostagem, contenção de encostas, construção de cercas e canteiros altos e controle de insetos.

**“Eu planto misturado, porque o cheiro de algumas plantas serve para espantar os insetos das outras plantas.”**

*(Mariinha, assessora comunitária)*

**“Planto a mamona só mesmo para adubar a terra. Depois que plantei a mamona, a taioba ficou mais bonita.”**

Observamos que as motivações para a prática da agricultura urbana estão ligadas, principalmente, a uma questão cultural. As pessoas plantam porque gostam, pelo prazer de plantar, pela importância que dão a valores, costumes e hábitos referentes à “vida na roça”. Quando viajam para o interior, trazem mudas e sementes para plantarem e trocarem com os vizinhos. O lugar de origem dos moradores também exerce influência naquilo que se cultiva e nos alimentos consumidos. Foram encontrados, por exemplo, pés de cacau e coco em quintais de moradores procedentes da Bahia.

O ato de plantar, mexer na terra, conversar com as plantas e animais é muito relacionado com a manutenção da saúde. Casos de melhoria de pressão alta,

<sup>1</sup> A OPL é uma associação de agricultores familiares que atua em parceria com a Rede em São João de Jacutinga, distrito do município de Caratinga, Minas Gerais, promovendo a agroecologia como alternativa para a sustentabilidade da agricultura familiar.



Enfoque de gênero do “Projeto de Formação” estimula a participação de morador do bairro Taquaril na experimentação de tecnologias alternativas.

depressão, aumento da sociabilidade e de menor necessidade de procurar o centro de saúde são relatados. Existe também uma preocupação com o embelezamento das casas através das plantas, sejam elas ornamentais ou não. As famílias dizem que se sentem melhor se a casa e o quintal estiverem cheios de plantas.

**“A gente planta assim é porque gosta. O negócio das plantas é muito gostoso, precisamos ter amor. Não plantamos só pra nós.”**

**“Meu marido também planta. A gente fala que devia morar em um sítio. Acordo, lavo o rosto, tomo café e já vou para o quintal mexer nas plantas.”**

(D. Geralda, moradora do Capitão Eduardo)

## Conclusões

A experiência anterior da Rede e os resultados dos “diagnósticos” realizados em 2002 já revelavam a existência de práticas de agricultura urbana nessas comunidades desde a sua formação. O Granja de Freitas, com cerca de 80 anos de existência, registra o plantio para consumo doméstico e algumas hortas destinadas à produção comercial já entre os primeiros moradores. No Taquaril, cuja ocupação aconteceu em 1987, relata-se que “logo que começavam a construir as moradias, começavam a plantar, por influência dos pais”.

**O impacto do trabalho realizado nos cinco bairros de Belo Horizonte demonstra o potencial das iniciativas de agricultura urbana para a melhoria da**

**segurança alimentar e das condições socioeconômicas e ambientais de comunidades de baixa renda, independente do tamanho das cidades ou da região em que estão localizadas.**

Desde 2001, temos promovido intercâmbios e dialogado com outras organizações que desenvolvem ações relacionadas à agricultura urbana. São iniciativas de ONGs, do poder público, universidades, além de inúmeros grupos comunitários e famílias que se dedicam a essa prática como uma atividade informal. Percebemos que vários potenciais e desafios encontrados são comuns, principalmente a ausência de espaços para a troca de experiências e para a construção de uma ação mais articulada da sociedade civil.

Diante disso, acreditamos que, coordenando ações e consolidando parcerias, podemos construir coletivamente uma proposta que contribua para o fortalecimento e a visibilidade da Agricultura Urbana como uma alternativa para cultivar cidades mais justas, democráticas e sustentáveis.

**Obs.:** As falas apresentadas são de moradoras(es) envolvidas(os) no trabalho desenvolvido pela Rede nas comunidades de Belo Horizonte e foram retiradas de documentos institucionais, que não registram todas as autorias.

**Agradecimentos:** Marcelo Almeida, Marcos Luis da Cunha Jota e Rodica Weitzman pelas reflexões, contribuições e revisão do texto

*\*Integrante da Rede.  
daniadil@rede-mg.org.br*

## Referências:

ARRUDA, Aparecida; VIEIRA, Fernando. *Ervanário São Francisco de Assis: preparações caseiras de remédios de plantas medicinais*. Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, 2003.

*Segurança Alimentar e Nutricional: a contribuição das empresas para a sustentabilidade das iniciativas locais*. International Finance Corporation, Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, Polis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais. São Paulo: Instituto Polis, 2003.

“Lineamientos políticos para la formulación de políticas municipales para la agricultura urbana.” PGU – Programa de Gestión Urbana, HABITAT, IDRC – Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, IPES – Promoción del Desarrollo Sostenible.